

AVANÇOS E RECUOS NOS MULTILETRAMENTOS EM AMBIENTES VIRTUAIS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM: O REAL E/OU O IDEAL

Maria Angélica Freire de Carvalho

UFPI

Apresentação

Este texto é construído, sobretudo, a partir de algumas reflexões advindas de leituras disponibilizadas sobre o tema “o uso das tecnologias nas instâncias sociais, especialmente no universo escolar” e de uma prática de percalços, avanços e trocas constantes, e às vezes díspares, de saberes e alternativas metodológicas no ensino. Podemos afirmar que a reflexão resume-se em abordar o uso das tecnologias entrelaçadas a uma perspectiva de multiletramentos⁶; ainda, suas influências socioculturais no contexto pedagógico que são temáticas recentes, ainda apreciadas e em desenvolvimento, as quais não se podem desconsiderar que, em termos de linha temporal, há muito para dizer-se e para aprofundar-se sob o impacto e formas de atuação não só educativa mas também social, como meio de apropriação de informações e como construtos para o conhecimento.

I. Ponto de partida para o desenvolvimento de algumas idéias:

⁶ O termo *multiletramentos* surgiu em estudos realizados por alguns autores dentre eles: Martin (1993) e Eggins (1994) e vem se desenvolvendo aqui, no Brasil, dentre outros estudiosos do assunto Letramentos, pela Pesquisadora Roxane Rojo (2008) – UNICAMP – identificado em algumas de suas recentes publicações. Essa terminologia amplia uma concepção prévia do entendimento do termo letramentos e não letramento, o que significa compreender as diferentes práticas letradas [como, por exemplo, conteúdos multimodais (como imagens, músicas e vídeo)], em instâncias não valorizadas e valorizadas no contexto de uso da linguagem; assim, não sobrelevam práticas específicas de sobreposição nas organizações sociais. Como os âmbitos de uso da linguagem (podemos dizer multisemióticos) se diversificam nos avanços socioculturais é mais coerente pensar-se na perspectiva de multiletramentos.

Conceber a perspectiva de práticas letradas na sociedade, como um todo, amplia uma visão para além dos saberes formais enfatizados na escola, o que considera, portanto, todo envolvimento com a linguagem, seja oral e/ou escrita, como forma de inserção e de integração dos sujeitos em sociedade em suas diversas práticas de letramentos e seus diversos suportes e meios de apresentação. Assim, essa inserção passa a ser mais uma forma de permitir aos cidadãos o acesso à transculturalidade, promovendo o conhecimento de novas práticas que envolvam, também, o mínimo de capacitação para o domínio das tecnologias de comunicação e de informação, o que torna necessário se fazer sobressair uma discussão sobre a presença das práticas de letramentos tecnológicos numa perspectiva de avanço e de recuo, tanto em termos de aplicação, de funcionalidade quanto de “inserção” no universo da tecnologia da informação (TICs), aspecto principal, aqui, abordado.

Usar-se-á como exemplo uma prática (2004-2008) que objetivou combinar a sistemática da atuação conjunta colaborativa e participativa a proposta de um trabalho realizado em 2006 e projeto no período desde 2004, para o Sistema Brasileiro de Ensino Militar, optando como recorte para estudo de caso o Colégio Militar do Rio de Janeiro. A proposta incluiu uma diagnose da realidade escolar, do contexto de ensino-aprendizagem, do domínio dos alunos e dos professores quanto ao manuseio dos recursos tecnológicos; no caso, o computador e suas múltiplas linguagens (o que se comprovou pouco satisfatório).

Promoveu-se uma capacitação para o uso da plataforma moodle, durante a qual se identificou a ausência de conhecimento dessa possibilidade de interação por parte dos professores e um desconhecimento do emprego de uma linguagem adaptável, bem como a rigidez a uma adequação metodológica e, principalmente, a resistência à assunção do processo midiático digital como uma forma de ação para um caminho de formação continuada do professor de modo que o(a) auxiliasse numa a(re)avaliação constante do processo de ensino-aprendizagem e de troca de experiências, além de promover uma rede de estudo e de partilhas no crescimento pedagógico.

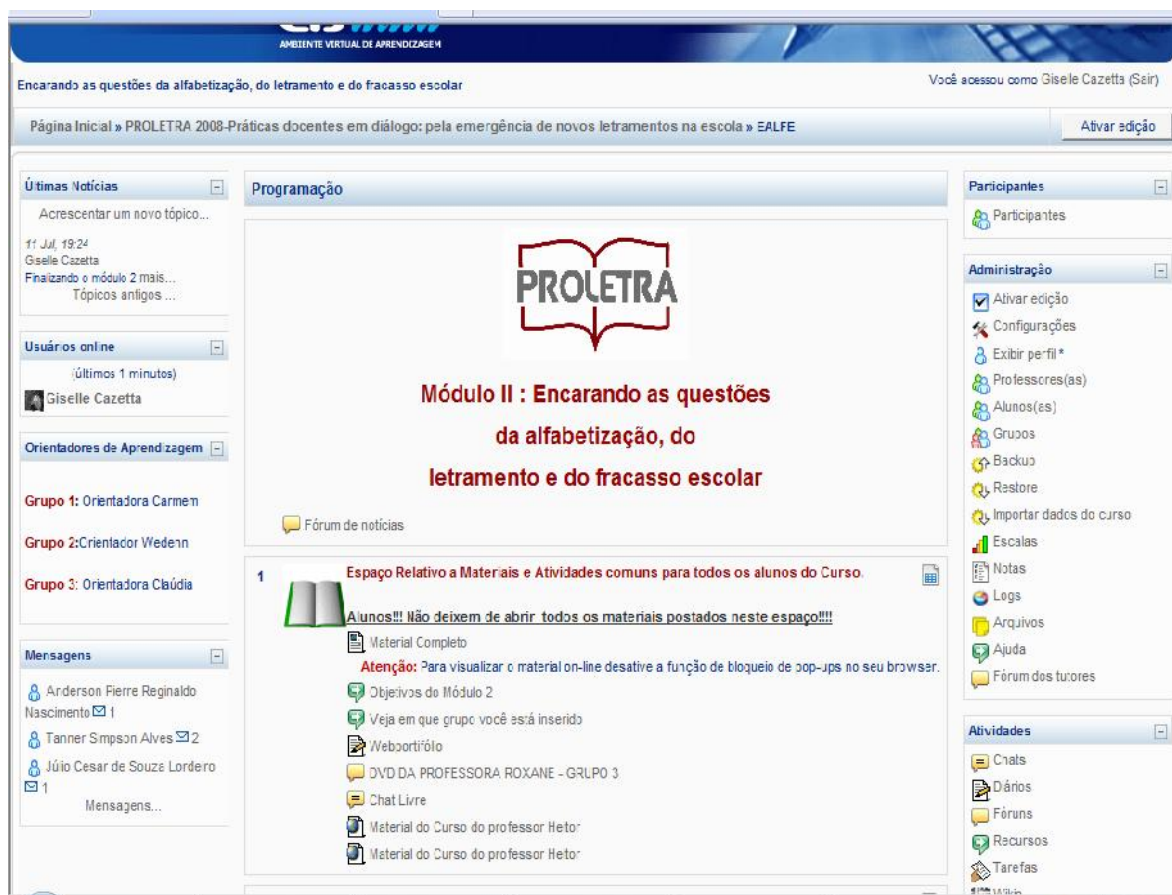
Para a execução da proposta em si elaborou-se um material didático para a web que contou com diversos especialistas nos assuntos sobre Leitura, escrita e práticas pedagógicas no enredo das novas tecnologias (hoje publicado em livro⁷) produzido em 2007, pela Profa Roxane Rojo. O projeto,

⁷ Listado entre os livros mais vendidos pela editora parábola (SP) em 2010: ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo, Parábola, 2009, 128 pp.

inicialmente, foi coordenado pedagogicamente pela Profa Maria Angélica Freire de Carvalho, sob o título “Práticas docentes em diálogo: pela emergência de novos letramentos na escola: PROLETRA”, particularmente em fase de aplicação/teste no estado do Rio de Janeiro. Produção a partir de 2005, continuidade 2006-2007, o qual se pôs em prática no primeiro semestre do ano de 2008. Houve interrupção, mas marcou desdobramento em grupo de estudo do CNPq e Projeto de Pesquisa na Universidade Federal do Piauí (UFPI-2008), e se estende até o momento, com ampliação conceitual.

II. O PROJETO: A plataforma Moodle otimizada

(a)



AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Encarando as questões da alfabetização, do letramento e do fracasso escolar

Você acessou como Giselle Cazetta (Sair)

Página Inicial » PROLETRA 2008-Práticas docentes em diálogo: pela emergência de novos letramentos na escola » EALFE

Ativar edição

Últimas Notícias

Acrescentar um novo tópico...

11 Jul 19:24
Giselle Cazetta
Finalizando o módulo 2 mais...
Tópicos antigos ...

Usuários online

(últimos 1 minutos)

Giselle Cazetta

Orientadores de Aprendizagem

Grupo 1: Orientadora Carmen

Grupo 2: Orientador Weden

Grupo 3: Orientadora Cláudia

Mensagens

Arderson Fierre Reginaldo Nascimento 1

Tanner Simpson Alves 2

Júlio Cesar de Souza Lordero 1

Mensagens...

Programação

PROLETRA

Módulo II : Encarando as questões da alfabetização, do letramento e do fracasso escolar

Fórum de notícias

1 Espaço Relativo a Materiais e Atividades comuns para todos os alunos do Curso.

Atunos!!! Não deixem de abrir todos os materiais postados neste espaço!!!

Material Completo

Atenção: Para visualizar o material on-line desative a função de bloqueio de pop-ups no seu browser.

Objetivos do Módulo 2

Veja em que grupo você está inserido

Webortório

DVD DA PROFESSORA ROXANE - GRUPO 3

Chat Livre

Material do Curso do professor Heto

Material do Curso do professor Heto

Participantes

Participantes

Administração

Ativar edição

Configurações

Exibir perfil *

Professores(as)

Alunos(es)

Grupos

Backup

Restore

Importar dados do curso

Escalas

Notas

Logs

Arquivos

Ajuda

Fórum dos tutores

Atividades

Chats

Diários

Fóruns

Recursos

Tarefas

(b)



Com a perspectiva crítica para a maioria dos materiais “chapados” na tela, produziu-se um material o mais interativo possível, dentro dos limites das ferramentas de estudo utilizadas pelo webdesigner da equipe da pesquisa-ação que se realizava. Assim, recebia-se o trabalho do conteduidista e o transformava interativo (o conteúdo está publicado no livro ‘Letramentos Múltiplos’ (Rojo, Roxane. Parábola, 2008, Rio de Janeiro).



A atividade proposta era (re) pensada e avaliada algumas vezes tanto pela equipe que compreendia: coordenação, designers, conteudista e orientador (quem estaria diretamente com os professores-cursistas), cuja funções específicas eram:

- **mediar** o trabalho com o material didático, **facilitar** e **animar** a aprendizagem;
- Interagir com os “interagentes” para que busquem **ressignificar** e **reconstruir concepções e práticas pedagógicas**. Daí a necessidade de um constante diálogo, de uma interlocução.
- Orientar e **provocar o questionamento reconstrutivo**, estimular a capacidade de estudo independente para a auto-formação.
- **Relatar** o desenvolvimento, as dificuldades, as experiências, as reflexões do professor-cursista, observando sua **capacidade de expressão** e de **reflexão teórica sobre a prática pedagógica** e o **percurso de aprendizagem**, uma metadiscursivização de sua prática.

Uma das idéias a ressaltar no estudo é a concepção da contextualização das práticas multiletradas no todo das interações, independente do espaço de escolarização. Assim, nas diversas interações, o uso da linguagem oral e escrita está presente, o contato com os símbolos é inevitável; desse modo, portanto, pensar as práticas de leitura e escrita, concretizadas nos variados gêneros discursivos e suas particularidades, é permitir uma abordagem múltipla para o estudo do texto na escola (multiletramentos), viabilizando a absorção de diferentes aportes sógnicos e sensoriais (palavras, ícones, efeitos sonoros, diagramas, tabelas, etc.). Uma das atividades em que se objetivou exemplificar essa concepção foi, dentre outros, o estudo de caso: “Dona Naná”, apresentação do cotidiano de uma professora e as enunciações realizadas. Por meio de comandos específicos dentro do texto, em hiperlinks, permitia-se o acesso a conteúdos do texto: descrevendo bilhetes deixados por Dona Naná, o calendário por ela observado (como se vê na capa do livro “As rotinas de Dona Naná”) e, na sequência da enunciação observam-se mais exemplos.



4. Interatividade e co-autoria nos processos formativos a distância

A idéia principal é chamar atenção para o fato de que desde que acordamos estamos nos envolvendo com práticas sociais de letramentos, porque estamos em interação, porque temos o “outro” seja próximo ou imaginado na intenção de interagir. No entanto, concepções aparentemente simples como essas, não são tão fáceis de serem praticadas como procedimentos pedagógicos. E o que poderia ser apenas mais um ponto de observação acaba sendo um ponto “cego” no cotidiano escolar.

Uma apropriação arbitrária das palavras de W. Benjamin (1995) é preciso trazer o “passado à luz do presente”, ao mesmo tempo enxergando-o como um enlace e pertencimento para agora possíveis⁸, livrando-se de repetições a que estamos submetidos, devido às relações de submissão e de aceitação. A comparação às reflexões de Benjamin pode, para alguns, não coadunar com o tema apresentado, por distanciar-se dos autores que ajustam o foco para as reflexões sobre mídias e ensino; no entanto, é compreensível que ao tratar desse assunto, sob um enfoque real do impacto das mídias nas diversas comunidades, especialmente, escolar, é uma contribuição para proposições de crescimento e não de indiferenças num movimento de mão única que vislumbre resultados tanto positivos quanto negativos em perspectivas de investigação e de atuação, pois, afinal (infelizmente) não são todos os espaços de ensino que estão e são contemplados com ferramentas tecnológicas e com profissionais qualificados para se contextualizarem num ensino adequado à realidade em discussão.

III. Um tanto às avessas: objetivos e justificativas:

Um texto se inicia apresentando objetivos e justificativas; mas, aqui, se avançou para recuar e fazer sentido para o título do artigo: “Avanços e recuos dos multiletramentos nos Ambientes virtuais de ensino e aprendizagem: o real e/ou o ideal. Iniciou-se com um ideal que já se faz em muitos ambientes e que se propôs a fazer, e ainda se luta como ponto e enfoque de pesquisa. No entanto, não se quer e nem se deve ignorar o outro lado de uma realidade que não acontece que está velada por uma ausência e uma carência de conhecimento, embebida por interesses (desinteresses?) políticos e econômicos, que não é o tópico pelo qual se quer enveredar neste texto, mas se compreende que é a fonte sob a qual repousa.

⁸BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* / Trad. Sérgio Paulo Rouanet /, 7 ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

Assim, às avessas, ressalta-se que o objetivo principal foi convidar os(as), leitores(as), a (re) pensarem as práticas e as formulações teóricas, num direcionamento crítico sobre o real, em contraposição e/ou consonância, com o ideal em que vivenciamos, tanto no dia-a-dia escolar como no social nos discursos sobre os percursos das tecnologias. Entretanto, por outro lado, com o discernimento para não desconsiderar iniciativas privadas e públicas em investimento na realidade tecnológica e seu reflexo positivo nas escolas, complementando a formação pedagógica de alunos e capacitação de professores, oferecendo-lhes trajetórias na inserção sociocultural não só de discentes e de docentes, mas de toda a comunidade escolar, de modo a colaborar com a construção de saberes e capacitar para ações sociais concretas.⁹

A breve apresentação contextual para fundamentar esse texto é permeada de recortes hipertextuais, por natureza, e sujeita, como de fato, a opacidade discursiva. Assim, interessa-se uma clareza de exposição e de focalização numa discussão exemplificada, estabelece-se que qualquer que seja o caminho a se tomar no debate para o tema, é importante refletir de modo resolutivo as questões complexas que o envolvem, isto é, considerando não só a velocidade no avançar de informações e o estabelecimento de conhecimentos, em destaque especial, no universo da tecnologia e das telecomunicações, se é que podemos desintegrá-las, como a relação e o uso de tecnologias no elo ensino e aprendizagem, mas também abrangendo os inúmeros estudos que destacam as influências socioculturais e econômicas a que estamos submetidos a partir dos desenvolvimentos das TICs.

Permite-se a concentração no “avesso” para denunciar a contramão em instâncias variadas, ilustrando por meios de situações práticas escolares, sem desconsiderar o que nos bate à porta há muito

⁹ Há vários exemplos, pode-se citar o Programa do governo de São Paulo: “Informática nas escolas”, dentre outros, tais como o desenvolvido pela Fundação Bradesco. Outra iniciativa é o Programa SERPRO, das ações desenvolvidas pelo Programa SERPRO de Inclusão Digital, encontra-se a doação de microcomputadores para entidades públicas e instituições da Sociedade Civil, cujo objetivo é promover a implantação de telecentros comunitários e estimular o uso da tecnologia em todo o país, visando ampliar a cidadania, inserir o cidadão na sociedade da informação e fortalecer o desenvolvimento local. Ao levar inclusão digital a diferentes estados da federação, o SERPRO proporciona diversos benefícios às comunidades: *acesso aos serviços de governo eletrônico dos três níveis: federal, estadual e municipal;*

- *acesso à informação variada por meio da rede mundial de computadores (Internet);*
- *cursos de informática e de educação à distância para atualização profissional;*
- *reforço escolar para crianças, jovens e adultos;*
- *fomento da produção cultural comunitária (áudio, vídeo, web-art);*
- *distribuição de conhecimento;*
- *estímulo à inserção social com a possibilidade de participação em redes de relacionamento, blogs e fóruns virtuais.*

tempo, e já faz história nos ambientes acadêmicos e contextos sociais: ranços de promessas e expectativas frustrantes em um passado que se afoga em palavras e se firma em utopias tal como o Anjo de Klee, pintor alemão, a que se refere Benjamin em suas reflexões sobre a relação opressor e oprimido¹⁰. Quando se fala desenvolvimento social engloba todos os contextos, inclui-se, portanto, a Educação; e, muitas vezes, há um “faz-de-conta” apesar de esforços e de muito trabalho bem desenvolvido de avanços que se tem notado dado ao trabalho de pesquisadores e de estudos que poderiam ser mais bem aproveitados e não o são por ausência de incentivo econômico e de investimento na área educativa que conta com o além do muro escolar. Nesse sentido, no tocante aos recursos tecnológicos é inevitável a luta pelo “Direito de navegar”.



IV. Apontamentos teóricos:

Assume-se a prática pedagógica e reflexiva como aliadas para partilhar idéias neste contexto sugerido. E, ainda, procura-se desvelar ações específicas para amenizar impasses nos saberes sociais e escolarizados, no que tange o domínio digital e sua integração múltipla como linguagem. Sugere-se pleitear uma perspectiva de subconjunto e, também, de compromisso inquiridor e aplicativo, objetivando reflexões constantes e foco dialógico entre teoria e prática¹², anseio uma garimpagem para identificar indícios¹³ que nos encaminhem para uma colaboração significativa que alcance a realidade do Professor

¹⁰ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* / Trad. Sérgio Paulo Rouanet/7 ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

¹¹ Referência da gravura: revista Gol – 2010 – s/n

¹² Conforme alude W. Benjamin ao tratar que teoria e prática são como uma moeda, pois apresentam uma unicidade, mas com faces diferenciadas e, ao mesmo tempo, integradas.

¹³ Cabe lembrar o estudo de M. de Certeau sobre a identificação de indícios como um novo caminho para um estudo problematizador e particularizado evitando repetições e reproduções de conhecimento, tal como critica Bordieu.

como orientador de aprendizagem imerso em contextos diversos que não só incluem o assunto por ora abordado.

A prática pedagógica passa a se familiarizar a um universo de “novidades” efêmeras, mas de modo titubeante em diversos aspectos: leituras pouco acessíveis, ausência de reflexões em conjunto; logo, formação de grupos, o que é mais formado pela internet mais num esvaziamento do seu significado lato: de equipe, efetivamente, como o estabelecimento de redes dialógicas e a legitimação de um mascaramento e de uma invisibilidade que todos podem ser qualquer um.

Práticas de linguagem metadiscursivas intermediadas pelas diversas “ferramentas tecnológicas” que, aos poucos, vão se delineando e perdendo a cor de novidade diante de sobreposições ou de enredamentos no espaço midiático como, destacadamente, as plataformas educativas ou recursos mais simples como, e-mails, msn, orkut; etc. E a escola ainda nos velhos modelos de sequências tipológicas em suas produções: narração, descrição, dissertação escritas, em fim... Ainda que pareçam antiquados para alguns, para muitos são uma atividade de resistência que lhe será cobrada para não ser excluído de algum processo seletivo seja lá qual for; assim, tem de dominar os multiletramentos, mas a escola valorizara as práticas de letramentos escolarizados.

Atualmente o universo de tecnologias é um arco-íris com perspectivas integradoras e difusoras de conhecimentos teóricos e, muitas vezes, metodológicos, sob diferentes aspectos integradores e adaptadores às diversidades inerentes à sociedade e ao homem em interação. Os gêneros digitais se sobrepõem sem extinguir os já firmados, conforme já pressupusera Bakhtin (1950). Inicialmente, novas formas de interlocução e integração de mídias destacam e, ao mesmo, conflituam-se num meio multissemiótico. Porém, apesar do reconhecimento e do prestígio cultural para uma sociedade e uma convivência aproximada, encurtando distâncias, desafiando conhecimentos e projeções, perguntas persistem; no caso, aqui, destacarei o contexto de ensino: estamos pisando em terrenos de aprendizagem sedimentados e integrados? há desigualdade de acesso (em diversos níveis de ensino e de contexto social)? a realidade escolar assimila os avanços dos multimeios e os integra ao crescimento intelectual na junção tecnologias e ensino? O domínio do orientador de aprendizagem, sob diversas instâncias nos ambientes virtuais de aprendizagens (AVAs) é comum nas escolas brasileiras? Todos educadores conseguem associar o desenvolvimento sociocultural às tecnologias? Podemos afirmar que há o letramento digital do educador? Os cidadãos identificam e dominam as realidades tecnológicas e a

contribuição para a sociedade bem como os impasses apresentados mediante os avanços tecnológicos que impedem um “controle”¹⁴ diante de uma imediaticidade que lhes são inerentes?

Essas são algumas de muitas questões que se devem considerar para reflexões no ambiente de recorte para o grupo de estudos que ora participamos, não deixando de ouvir seriamente as contribuições e reflexões teóricas ampliadas que, certamente, serão apresentadas, as quais oferecerão esclarecimentos e argumentos que se agregarão ao que ora me permito refletir. Esse é o reconhecimento da importância da divulgação de práticas científicas em colaboração, acentuando a dialogicidade, entre pesquisadores que sob óticas diferentes ou aproximadas definem pontos de vista e espaços de observação não excludentes.

Destaquei essa necessidade de “desdobramento” para não nos esquecermos de que o olhar crítico, avaliador, com vista à aplicabilidade e ao funcionamento dos progressos dos recursos tecnológicos associados ao ensino, tem de se coadunarem, minimamente, com as condições e oportunidades oferecidas aos cidadãos. Isso considerando tanto uma perspectiva escolarizadora seja quanto uma perspectiva de (con)vivência social. Coadunar não significa acomodar. Propõe-se não ignorar desequilíbrios, ausências e, conseqüentemente, exclusões.

Ao fazermos isso, estamos em direção ao essencial: caminhar ao lado para poder avançar em passos conjuntamente, promover cooperações, e não atropelar realidades, achatá-las e marginalizá-las, acentuando as exclusões. Caso se ignore esse princípio, estaremos repetindo, impondo, reproduzindo, submetendo, oprimindo e perpetuando a desigualdade, e não construindo e articulando saberes, em sua função de aplicabilidade do conhecimento necessário ao progresso social e ao exercício amplo de cidadania, como, ainda, exercendo o papel fundamental do fazer científico: delimitar, investigar, identificar, dialogar, propor, posicionar-se, apresentar e (re) conhecer projeções e pontos de vista diversos aos quais se podem estabelecer (inter)transdisciplinaridades. Nesse sentido, justifica minha referencia a Benjamin.

O domínio do contexto digital na escola, em muitos casos, é ministrado por um profissional da área de Informática, mais com postura técnica do que, necessariamente, didática, sem entrelace por meio

¹⁴ O “controle” de que falo no ambiente multimeios é no sentido da privacidade e da falta de sincronia entre tempos para repensar e apresentar caminhos bem delineados para proteger e, ao mesmo tempo, divulgar conhecimentos sem reconhecer autorias e o caráter científico de redes de trocas e de instauração de ditos.

de projetos pedagógicos. E pior: a informática não se fazia (faz) integradora de um movimento pedagógico interdiscursivo, multidisciplinar. Poderíamos nos perguntar: há culpados? Qual a intervenção que se poderia (e se pode) fazer?

Reconheço o avanço dos estudos na temática abordada, o trabalho da Secretaria de Educação a distância (SEED/MEC), as plataformas de estudo independentes elaboradas por rede de ensino (e em contextos variados) público e privadas; com o apoio fundações e de representação política, as quais conjuntamente associavam (e associam) táticas e técnicas com o ensinar específico para a web (ou um programa que atenda ao interesse na formação profissional); enfim, todo um avançar que poderia constituir uma ilustração para a projeção do assunto, mas como a proposição é (sem ‘apagar’ uma realidade) ressaltar e comentar um avesso que permanece duramente perpetuando um distanciamento do social e marginalizando grupos, terei o cuidado de ser fiel ao fio condutor na abordagem escolhida.

Nesse sentido, muitas vezes, o que é entendido como “continuação” não se inclui no universo docente, pois lhe falta, grosso modo, conhecimentos prévios e, não em maioria, necessariamente, a identificação com o saber-fazer pedagógico no cotidiano de sala de aula, em que outras situações sócio-interativas lhe são apresentadas. Desconsidera-se que futuros mestres, infelizmente, desconhecem por razões várias, opção ou indisponibilidade, a realidade “pedagógicodigital”¹⁵. Discursos sobre diferentes “plataformas de ensino”, otimização de plataformas, estabelecimento da plataforma moodle¹⁶; enfim, palavras que muitos desconhecem e parecem não enxergar um futuro que lhes esperam e que, embora difundido, existem muitas universidades no País que, agora, estão se organizando para cumprir o estabelecido pelo MEC. Muitas num estágio inicial de formalizar cursos e firmar sua legitimação com os alunos em entendimento de aprendizagem facilitadora e legítima. Facilitadora longe de significar desmerecedora ou sem esforço; ao contrário, porque se trata de uma forma de aprendizagem que requer, dentre outros aspectos, auto-disciplina e organização sistematizada para leituras e o estabelecimento de

¹⁵ Neologismo que escolho para designar neste texto o que compreende o discurso sobre a situação de integração entre tecnologias e ensino nas diversas disciplinas que compõem os níveis de escolarização.

¹⁶ **Moodle** é entendido como um sistema para gerenciamento de cursos destinados a auxiliar educadores na implantação de cursos em um ambiente virtual; e, ainda, como um Sistema de Gerenciamento de Aprendizagem em trabalho colaborativo (SGA). (TEODORO, George L. M; ROCHA, Leonardo C. D. *Moodle. Moodle - Manual do Professor*. Belo Horizonte. UFMG. 2007, P. 23). Esse sistema tende a ampliação e atende a unidades universitárias não, necessariamente, a professores, mas técnicos, empresários e outros profissionais tendo como enfoque um ensino facilitador aliado as possibilidades espaciais e temporais, ainda à imediaticidade, aos contextos diversos, ao direcionamento para a área específica e ao curto prazo de realização.

diálogos, aproximados de um a interlocução apenas mediada por um recurso (computador), mas não intransponível distanciada de “um estar junto presencial” síncrono ou assíncrono.

No entanto, essa experiência/vivência poderá ser tratada, de modo aprofundado, em outra situação discursiva. Porque, embora na sequência deste texto disponha-me de ilustrações e, ainda, de afirmações submersas ancoradas nessa e em outras experiências como educadora-pesquisadora (vice-versa) como ratifiquei, o objetivo principal desta explanação é um desdobramento sobre as práticas multiletradas nos ambientes digitais advindas de práticas repetidas em localidades distantes, associadas ao contexto social de usos de linguagem. O importante é promover uma reflexão sobre o real e o ideal, aproximando-os e/ou distanciando-os.

Em 2003-2006/2008 organizei projetos que coadunavam formação continuada por meio do universo web, os denominados AVA (ambientes de aprendizagem virtual)-- semipresenciais, Identifiquei, também, (tal como mencionado, “uma necessidade de aceitação do tecnológico”) entraves, resistências ao novo, desconhecimento, e, estranhamento. Uma reação não muito satisfatória em opções pela postura de aprendizagem intermediada pelo computador e construída coletivamente¹⁷ por meio de ferramentas que o recurso dispõe. Ora, isso caracteriza, sem erro, um não dispor-se ao “novo/velho” (vice-versa) numa apropriação de um saber assimilado e legitimado pelas organizações sociais valorizadas.

Sabemos que há muitas escolas em que o computador figura apenas¹⁸, e não é um recurso facilitador ou disponível ao aluno, com cerceamentos de programas, com horário marcado para permanência em laboratórios (se é que existem, apesar de políticas governamentais assumirem uma modificação nessa realidade), com um regulador do espaço e da temporalidade de atuação.

No entanto, podemos integrar projetos pedagógicos com vistas a uma produção significativa de um ensino a distancia que possibilite a reflexão-ação. Um ensino que não esmague uma abordagem crítica e com uma promoção para a transformação de uma realidade para além do apresentado, um ensino que conduza a uma ressignificação constante do elaborado e do a elaborar-se.

Uma proposta de trabalho para essa natureza perpassa na atuação de um orientador da aprendizagem. Assim, o processo nos ambientes virtuais de ensino se delinearía com base em alguns caminhos dentre os quais enumero a seguir:

- Estratégias de ação: perspectiva de um trabalho orientador
- A função orientadora contempla **mediar** o trabalho com o material didático, **facilitar** e **animar** a aprendizagem;
- Interagir com os “aprendentes” para que busquem **ressignificar** e **reconstruir concepções e práticas pedagógicas**. Daí a necessidade de um constante diálogo, de uma interlocução.
- Orientar e **provocar o questionamento reconstutivo**, estimular a capacidade de estudo independente para a auto-formação.
- **Relatar** o desenvolvimento, as dificuldades, as experiências, as reflexões do cursista, observando sua **capacidade de expressão** e de **reflexão teórica sobre a prática pedagógica** e o **percurso de aprendizagem**.

A REALIZACAO:

- **A proposta de intervenção e estudo não é para os professores, mas com os professores, agentes do processo.**
- Objetivar integrar tecnologias e linguagens com uma perspectiva de trabalho para o “estar junto virtual” como uma forma de **construir conhecimentos** por meio da cooperação que acontecerá entre os professores/cursistas, numa interlocução com orientadores que farão o acompanhamento e o assessoramento constante, no sentido de **agir colaborativamente** e de propor desafios na atribuição de significados ao que se está realizando nessa **partilha de idéias e experiências**.
- A interação poderá acontecer por meio de fóruns de discussão, chats, murais e portfólios (“webportifólios”), de modo que a nossa comunicação possibilite a realização do seguinte ciclo: **descrição – execução – reflexão --- depuração e descrição**, a partir da troca de experiências e da elaboração de projetos ou resolução de situações-problema.

Propostas de ação e interação:

- *Descrição e problematização a partir do contexto e da proposta em estudo;*
- *Compreensão crítica da interação descrita e problematizada*
- *Proposição de alternativas de ação*

- *Momento de criação coletiva.*
- *Reflexiva:* implica análise, revisão crítica, consciente e sistemática do trabalho em todas as suas fases. Nesse sentido, há o desenvolvimento da capacidade metacognitiva que permite a reformulação do trabalho.

O papel do orientador na perspectiva que constitui um projeto sob essas bases de estudo deve demonstrar conhecimentos **que contemplem reflexões sobre o assunto a ser abordado, e sua contextualização no ensino.**

Interpretar, relacionar, apontar e propor direcionamentos teóricos e abordagens metodológicas **para a prática pedagógica que se tem observado com o grupo de professores-cursistas, no caso de um curso de formação continuada para professores, de acordo com os pressupostos teóricos para uma prática reflexiva e crítica quanto aos processos de linguagem e as formas de ensino-aprendizagem. Esse era o enfoque da experiência exemplificada neste texto.**

Planejar, propor, organizar, convidar e mediar encontros **como fóruns e chats a partir da observação e da identificação de fenômenos ou estímulos específicos, de acordo com as temáticas em discussão, na interação com o grupo de professores-cursistas.**

Cada integrante do curso deveria preparar e produzir registros processuais (**webportfólios**) **que implicassem a descrição e a apreciação dos momentos de preparação da aula, dos estudos, do desenvolvimento da interação web-aula e o trabalho na plataforma, das reflexões, dos eventos significativos do pós-aula, das idéias, das relações e avanços sobre os tópicos abordados, das lacunas existentes, tanto no material de apoio quanto no desenrolar das reflexões sob o ponto de vista dos interagentes, enfim, a auto-avaliação.**

Uma proposta de ação pedagógica nesse perfil poderá contribuir para um ensino, na modalidade a distância, de forma mais participativa e crítica, possibilitando a formação continuada do professor facilitada ao seu contexto e ao seu funcionamento de sala de aula, em uma aplicabilidade de reflexão e de uso no que diz respeito às ideias discutidas e aos conhecimentos adquiridos, em uma busca de informações sobre sua prática. O constante diálogo sobre os acontecimentos no processo de ensino-aprendizagem, a troca de informações, a busca de conhecimentos, constituem passos importantes na trajetória do educador.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Julio Cesar e Biasi-Rodrigues, Bernadete (orgs). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BARTON, D. Preface: Literacy events and literacy practices. In D. BARTON; M.BARTON, D. & M. HAMILTON 1998). *Local Literacies: Reading and Writing in One Community*. London: Routledge.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação*. São Paulo: Cortez, 2003.

BUNZEN, C. S. & R. H. R. ROJO Livro didático de Língua Portuguesa como gênero do discurso: autoria e estilo. In G. COSTA VAL & B. MARCUSCHI (orgs.)

COSTA VAL, M. G. & ROJO, R. H. R. (orgs.) *Alfabetização e letramento: o que ensinam os livros didáticos?*. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE, 2009.

GEE, J. P. *Social linguistics and literacies: Ideology in discourses*. London, Briston, Henry, Jenkins. *Cultura da convergência*; trad. Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHNSON, Steven. *A cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e de comunicar*. Trad. Maria L. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LAROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. *Revista Brasileira de Educação*, n.21, p. 20-28, Rio de Janeiro: Anped, 2002.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEVY. Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos I da Costa. São Paulo, Ed 34, 1999.



EDIÇÃO Nº 10 – Volume I , AGOSTO
DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/06/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/07/2012

Livros didáticos de Língua Portuguesa – Letramento e cidadania. BH:Autêntica/CEALE, 2006, pp. 73-118.

OKADA, Alexandra; SANTOS, Edméa O. A construção de ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias plurais e gratuitas no ciberespaço. Anais da 26 Reunião da Anped em <http://www.anped.org.br/26/trabalhos/edmeaoliveiradossantos.pdf> (acessado em 15.08.2004)

Primo, Alex (et alii). Comunicação e interações. Porto Alegre: Sulina, 2008.

ROJO, R. H. R. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: Um retorno ao *trivium*? In I. IGNORINI (org.) *Percursos transdisciplinares de investigação sobre língua(guem)*. SP: Parábola, [?].

SILVA, MARCO (org.) Educação online. São Paulo: Loyola.

SILVA, Marco. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

XAVIER, Antonio Carlos. A era do hipertexto: linguagem e tecnologia. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.